



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

MARCELA VIRGÍNIA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

**PRESERVAÇÃO DIGITAL: o caso do acervo de plantas de arquitetura da
Prefeitura da Cidade do Recife**

Recife
2018

MARCELA VIRGÍNIA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

**PRESERVAÇÃO DIGITAL: o caso do acervo de plantas de arquitetura da
Prefeitura da Cidade do Recife**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia, do Departamento de Ciência da informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharela em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra de Albuquerque Siebra.

Recife
2018

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

A345p Albuquerque, Marcela Virgínia Cavalcanti de
Preservação Digital: o caso do acervo de plantas de arquitetura da
Prefeitura da Cidade do Recife / Marcela Virgínia Cavalcanti de
Albuquerque. – Recife, 2018.
69f.: il.

Orientadora: Sandra de Albuquerque Siebra.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal
de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Departamento de Ciência
da Informação. Curso de Biblioteconomia, 2018.

Inclui referências.

1. Patrimônio Cultural. 2. Preservação Digital. 3. Plantas de Arquitetura.
I. Siebra, Sandra de Albuquerque (Orientadora). II. Título.

020 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2019-51)

MARCELA VIRGÍNIA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

**PRESERVAÇÃO DIGITAL: o caso do acervo de plantas de arquitetura da
Prefeitura da Cidade do Recife**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Biblioteconomia, do Departamento de
Ciência da informação da Universidade
Federal de Pernambuco, como requisito
parcial para obtenção do Título de
Bacharela em Biblioteconomia.

Aprovado em: 14/12/2018.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sandra de Albuquerque Siebra (Orientadora)
DCI / Universidade Federal de Pernambuco

Tony Bernardino de Macedo (Examinador Externo)
Bibliotecário / Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Maurício Rocha de Carvalho (Examinador Interno)
DCI / Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus**, por sempre estar presente nos dias fáceis e difíceis da minha vida, por ter me abençoado e iluminado durante toda a caminhada acadêmica.

Agradeço a minha mãe, **Ana Maria**, por ter acreditado em mim mesmo quando eu não acreditei, por ter me dado força pra continuar, por ter me educado, por ter me ajudado a chegar ao final da graduação com o sentimento de mais uma etapa vencida e por ser tão maravilhosa comigo.

Sou grata a minha orientadora, **Sandra Siebra**, por ter aceitado participar desta fase, me ensinando e me orientando a concluir uma etapa de um caminho que eu escolhi trilhar. Agradeço também por ter tido paciência comigo no decorrer do processo.

Sou grata a **Samantha Farias** que entrou na minha vida há dois anos e esteve presente em cada pedacinho deste trabalho, presenciando todas as minhas noites mal dormidas, o nervoso por achar que não ia conseguir e o desespero para escrever, mas que me ajudou em todos esses momentos, me mostrando que sou muito mais do que posso imaginar e sempre que eu estava preocupada, me acalmou e disse que tudo ia se resolver.

Tenho imenso agradecimento a minha irmã, **Danielle**, sem a sua ajuda e seus cuidados, muita coisa na minha capacitação profissional não teria acontecido. Agradeço imensamente por tudo.

Ao **Memorial Denis Bernardes**, lugar que me acolheu por mais de dois anos, por ter me ensinado a ser mais humana, por ter me proporcionado aprendizados não só na área da Ciência da Informação, mas na vida e ter me dado amigos maravilhosos.

Aos professores do **Departamento de Ciência da Informação** que me ajudaram a construir todo o conhecimento acadêmico que tenho hoje.

E serei eternamente grata aos meus amigos, **Fernando D'Oliveira**, **Maria Júlia**, **Jéssica Melo** e **Agnes Hegmann** que acreditaram em mim a todo momento, sem me deixar desistir e por todo amor.

E por último, mas não menos importante, aos amigos que conheci no decorrer da graduação e que levarei comigo pela vida.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de aplicação das etapas de digitalização e representação da informação das plantas de arquitetura da Cidade do Recife, sob a guarda da Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC. Estas etapas foram consideradas o início para o trabalho de preservação digital desse material. Essa é uma pesquisa descritiva e documental, assim como uma pesquisa-ação e para o contexto desse trabalho foi selecionada uma amostra de 16 plantas arquitetônicas de 6 Igrejas do centro da cidade do Recife. Como resultado, as plantas de arquitetura foram digitalizadas e descritas fazendo uso do padrão de metadados Dublin Core. Para enriquecimento do trabalho, fotografias dos lugares expressos nas plantas foram feitas, para que fosse possível ter a ideia do que as plantas representam. As plantas após digitalizadas são devolvidas para a DPPC e o acervo digital está sob a custódia do Memorial Denis Bernardes da Universidade Federal de Pernambuco.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. Preservação Digital. Plantas de Arquitetura.

ABSTRACT

The present work has as objective to report the experience of applying the steps of digitization and representation of the information of the architecture plans of the City of Recife, under the custody of the Directorate of Preservation of Cultural Heritage - DPPC. These stages were considered the beginning for the work of digital preservation of this material. This is a descriptive and documentary research, as well as an action research and for the context of this work a sample of 16 churches' architectural plans from the city center of Recife was selected. As a result, the architecture plans were scanned and described using the Dublin Core metadata standard. For the enrichment of the work, photographs of the places expressed in the plans were made, so that it was possible to have the idea of what the plans represent. The digitized architectural plans are returned to the DPPC and the digital collection is under the custody of the Denis Bernardes Memorial of the Federal University of Pernambuco.

Keywords: Cultural Heritage. Digital Preservation. Architecture Plans.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Planta Lateral da Igreja da Madre de Deus	29
Figura 2 -	Fotografia da Igreja da Madre de Deus.	29
Figura 3 -	Planta Lateral da Igreja da Madre de Deus	31
Figura 4 -	Igreja da Madre de Deus.	31
Figura 5 -	Igreja Planta da Fachada Principal da Igreja da Madre de Deus	33
Figura 6 -	Igreja da Madre de Deus.	33
Figura 7 -	Planta Igreja do Santíssimo Sacramento – Fachada Dantas Barreto (Matriz de Santo Antônio)	35
Figura 8 -	Igreja do Santíssimo Sacramento (Matriz de Santo Antônio)	36
Figura 9 -	Planta Igreja do Santíssimo Sacramento – Fachada Rua Pedro Ivo (Matriz de Santo Antônio)	38
Figura 10 -	Igreja do Santíssimo Sacramento (Matriz de Santo Antônio).	38
Figura 11 -	Planta Igreja do Santíssimo Sacramento – Fachada Rua Matias de Albuquerque (Matriz de Santo Antônio)	40
Figura 12 -	Igreja do Santíssimo Sacramento (Matriz de Santo Antônio).	40
Figura 13 -	Planta Igreja do Santíssimo Sacramento – Fachada Rua Nova (Matriz de Santo Antônio)	41
Figura 14 -	Igreja do Santíssimo Sacramento (Matriz de Santo Antônio).	42
Figura 15 -	Planta de Reparos da Igreja de Nossa Senhora do Livramento	44
Figura 16 -	Igreja de Nossa Senhora do Livramento.	44
Figura 17 -	Igreja de Nossa Senhora do Livramento.	45
Figura 18 -	Igreja de Nossa Senhora do Livramento.	45
Figura 19 -	Planta da Fachada Posterior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos	48
Figura 20 -	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.	48

Figura 21 -	Planta da Fachada Lateral Direita da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (Igreja Rosário dos Pretos)	50
Figura 22 -	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.	50
Figura 23 -	Planta da Fachada Principal da Igreja de Nossa Senhora da Assunção (Igreja das Fronteiras)	53
Figura 24 -	Igreja de Nossa Senhora da Assunção (Igreja das Fronteiras).	53
Figura 25 -	Planta do Átrio da Igreja de Nossa Senhora da Assunção (Igreja das Fronteiras)	55
Figura 26 -	Igreja de Nossa Senhora da Assunção, visão do átrio.	56
Figura 27 -	Planta Revitalização da Cidade. Fachada Principal Pátio Santa Cruz (Igreja)	58
Figura 28 -	Igreja de Santa Cruz	59
Figura 29 -	Planta Revitalização da Cidade. Lateral Pátio Santa Cruz (Igreja)	61
Figura 30 -	Lateral Igreja de Santa Cruz	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Metadados da Planta I da Lateral da Igreja Madre de Deus	30
Quadro 2 -	Metadados da Planta II da Lateral da Igreja Madre de Deus	32
Quadro 3 -	Metadados da Fachada Principal da Igreja Madre de Deus	34
Quadro 4 -	Metadados da Planta Igreja do Santíssimo Sacramento – Fachada Dantas Barreto (Matriz de Santo Antônio)	36
Quadro 5 -	Metadados da Planta Igreja do Santíssimo Sacramento – Fachada Rua Pedro Ivo (Matriz de Santo Antônio)	39
Quadro 6 -	Metadados da Planta Igreja do Santíssimo Sacramento – Fachada Rua Matias de Albuquerque (Matriz de Santo Antônio)	41
Quadro 7 -	Metadados da Planta Igreja do Santíssimo Sacramento – Fachada Rua Nova (Matriz de Santo Antônio)	42
Quadro 8 -	Metadados da Planta de Reparos da Igreja de Nossa Senhora do Livramento	46
Quadro 9 -	Metadados da Planta da Fachada Posterior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos	49
Quadro 10 -	Metadados da Planta da Fachada Lateral Direita da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos	51
Quadro 11 -	Metadados da Planta da Fachada Principal da Igreja de Nossa Senhora da Assunção	54
Quadro 12 -	Metadados da Planta da Fachada e do átrio Principal da Igreja de Nossa Senhora da Assunção	56
Quadro 13 -	Metadados da Planta da Fachada Principal da Igreja de Santa Cruz	59
Quadro 14 -	Metadados da Planta da Lateral da Igreja de Santa Cruz	62

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	MEMÓRIA	14
2.1	MEMÓRIA COLETIVA	16
2.2	LUGARES DE MEMÓRIA	17
3	PRESERVAÇÃO DIGITAL	19
3.1	ESTRATÉGIAS DE PRESERVAÇÃO	19
3.2	METADADOS DE PRESERVAÇÃO	21
3.3	PRESERVAÇÃO DE PLANTAS DE ARQUITETURA	24
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	27
5.1	IGREJA MADRE DE DEUS	28
5.2	IGREJA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO	35
5.3	IGREJA DE NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO	43
5.4	IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS (IGREJA ROSÁRIO DOS PRETOS)	47
5.5	IGREJA DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO	52
5.6	IGREJA DE SANTA CRUZ	58
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
	REFERÊNCIAS	65

1 INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos ocorrem com grande rapidez no mundo contemporâneo e é possível sentir seus impactos na forma de realizar diversas atividades em bibliotecas, arquivos, centros culturais, institutos de pesquisa, organismos governamentais etc. Além disso, em todos esses lugares passou-se a se ter de lidar com dados e informações analógicas e nato digitais. E com o aumento exponencial desses dados e informações surgiu a necessidade da criação de um conjunto de atividades ou processos que pudessem garantir o acesso a longo-prazo à informação e a todo patrimônio cultural existente, que leva ao termo preservação digital.

O Conselho Nacional de Arquivos por meio da Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos, (2008, p. 17) define preservação digital como “o conjunto de ações destinadas a manter a integridade e a acessibilidade dos documentos digitais ao longo do tempo”. Ela abarca a preocupação sobre quem gerou os objetos, como eles são representados, como estão sendo mantidos e a quais riscos estão submetidos, além de como estão sendo disponibilizados aos usuários. Uma vez que a preservação e o acesso se complementam: a preservação visa proporcionar o acesso ao longo do tempo, enquanto que o acesso depende da preservação em um ponto no tempo (ABRAMS; CRUSES; KUNZE, 2008).

Nesse contexto, a problemática deste trabalho parte da necessidade de se preservar digitalmente as plantas de arquitetura do patrimônio histórico cultural do Recife. Pois, a preservação digital é uma política de controle de riscos, que objetiva a permanência de uma herança cultural, histórica e científica (FRIGO, 2012, p. 21). O que se torna relevante a partir do entendimento das diversas alterações as quais os locais, representados nas plantas, estão sujeitos. Assim a preservação desses materiais pode trazer não somente a proteção necessária para os documentos (Plantas de arquitetura) de prédios históricos ou não, mas também pode colaborar para manter viva a memória de lugares que perderam suas características originais com o passar dos anos e com a evolução das cidades.

A memória é uma ferramenta para se lembrar do passado que já não é mais o mesmo no presente, onde as mudanças são constantes. A memória diferencia o ser humano por meio de sua materialização na cultura e no registro histórico. Le Goff

(2003, p. 471) acrescenta que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro.

Neste cenário, o objetivo deste trabalho é relatar a experiência da aplicação das etapas de digitalização e representação da informação das plantas de arquitetura da cidade do Recife, sob a guarda da Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC. E tem como objetivos específicos:

- Fazer levantamento bibliográfico sobre memória e preservação digital;
- Identificar o projeto/parceria entre a DPPC e o Memorial Denis Bernardes – MDB;
- Fazer inventário das plantas existentes na DPPC;
- Descrever as etapas de digitalização e representação da informação;
- Indicar aprimoramentos que podem ser feitos e próximos passos.

A preservação digital de plantas de arquitetura é de grande relevância, visto que se há a necessidade de possuir acesso a longo-prazo às informações nelas contidas, contribuindo para preservação do patrimônio histórico do Recife, trazendo referências do planejamento urbano passado e de toda evolução arquitetônica. A preservação das plantas pode colaborar para que um patrimônio não seja esquecido, por ter sido demolido para que se erga uma construção moderna. Também pode ajudar no momento de se restaurar uma obra, possibilitando o acesso ao modelo original da planta, por exemplo. Além disso, a preservação desse conteúdo pode servir para uma contínua propagação da história. Essa propagação da história através das informações contidas nas plantas pode existir com a criação de um repositório, colocando as plantas já digitalizadas. Dentre todas as ações de preservação digital que poderiam ser trabalhadas, o presente trabalho irá mostrar apenas a parte de digitalização e descrição de uma parte do acervo.

Dando continuidade a esse trabalho, na seção 2 será exposta a definição do conceito de memória e feita a discussão sobre memória individual, coletiva e lugares de memória. A seção 3 trata de preservação digital, estratégias de preservação e metadados para esse fim. A seção 4 apresenta a metodologia utilizada no trabalho e a definição da

amostra utilizada. Na seção 5 são apresentados os resultados obtidos e, por último, são apresentadas na seção 6 as considerações finais.

2 MEMÓRIA

De acordo com Izquierdo (2014), memória tem o significado de conservação, aquisição, formação e evocação de informações. No que se diz respeito ao indivíduo, memória é o que determina a personalidade ou forma de ser de cada ser.

Quando falamos em memória, logo a palavra é associada à capacidade de conservar informações, o que recai sobre um conjunto de funções biológicas e nos faz remeter a diversas áreas como psicologia, neurofisiologia e neurobiologia. Porém Aristóteles nos traz uma visão diferente do conceito comum de memória que compreende o conhecimento pela articulação das capacidades sensível e intelectual em graus de conhecimento, sendo a memória um deles e resultado da convergência entre percepção e imaginação (ABBAGNANO, 2007). E a partir desse novo olhar que Aristóteles concebeu é possível perceber o quanto o termo memória pode variar de acordo com o indivíduo que a projeta, pois “A memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto com uma capacidade de evocar o passado através do presente” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p.183-184). E são as memórias de cada pessoa as convertem em indivíduos. Mas, os indivíduos não sabem viver por conta própria, precisam partilhar suas vivências, suas memórias, com isso, formam grupos no intuito de ter comunicação e sobreviver e busca o bem estar. Izquierdo (2014, p. 13-14) resume o significado de memória.

Em seu sentido mais amplo, então, a palavra “memória” abrange desde os ignotos mecanismos que operam nas placas de meu computador até a história de cada cidade, país, povo ou civilização, incluindo as memórias individuais dos animais e das pessoas. Mas a palavra “memória” quer dizer algo diferente em cada caso, porque os mecanismos de aquisição, armazenamento e evocação são diferentes. (IZQUIERDO, 2014, p. 13-14)

Henry Rousso afirma que o atributo mais imediato da memória é

garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao ‘tempo que muda’, as rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros (ROUSSO, 1998, p.94-95).

Le Goff (2003, p. 477) relaciona memória e história, quando afirma “A memória onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e futuro”. Enquanto Nora apresenta uma diferenciação entre memória e história

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente: a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (NORA, 1993, p. 9).

Le Goff (2003) resume o conceito de memória traduzindo-o como um bem coletivo o qual o Estado tem a responsabilidade de manter vivificado no cotidiano da sociedade, por meio da construção de uma identidade coletiva que se apropria do que lhe pertence, como os costumes, os monumentos, os documentos, as construções arquitetônicas, tudo o que faz um indivíduo ou um conjunto de indivíduos, lembrar o seu passado e o passado dos seus antepassados.

2.1 MEMÓRIA COLETIVA

A partir das diversas dimensões que a memória apresenta não se pode, explicar o que é a memória coletiva se não houver a discussão do que vem a ser a memória individual. Epelboim (2004) afirma que a distinção entre memória individual e social/coletiva recebeu maior destaque a partir da configuração das orientações psicológica e sociológica. Segundo Halbwachs (1990), a memória por mais pessoal que possa ser, é construída socialmente, constrói-se a partir da composição das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos.

É necessário que haja certo tipo de cuidado, com a memória individual, já que, por definição, ela é subjetiva. Isto quer dizer que fazemos da nossa memória o que bem queremos. Há também outro fato para o qual se precisa sempre atentar: o espaço da memória individual não é necessariamente um espaço euclidiano (espaço vetorial real ou complexo de dimensão finita). Nele as informações podem ser fluidas ou deformadas, e não fidedignas. (ABREU, 1998)

De fato, a memória, possui uma dimensão individual, entretanto a maioria de seus referenciais são sociais e são eles que permitem que, além da memória individual, que é por definição única, tenhamos também uma memória intersubjetiva, uma memória compartilhada, uma memória coletiva. De acordo com Halbwachs, a memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. A memória coletiva evolui de acordo com suas próprias leis. Daí, "se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais [aquele da] consciência pessoal" (HALBWACHS, 1990, p. 53-54).

Segundo Halbwachs (1990), a memória coletiva é um conjunto de lembranças construídas socialmente e referenciadas a um conjunto que ultrapassa o indivíduo e está sempre se transformando. Halbwachs (1990, p. 82) ainda acredita que a memória coletiva é também uma corrente de pensamento contínuo, que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência de um grupo. Assim, o presente não se opõe ao passado, o que não quer dizer que tudo o que ocorreu no passado seja preservado.

2.2 LUGARES DE MEMÓRIA

Tendo como ideia que os lugares de memória são gerados a partir de uma memória individual, Oliveira e Rodrigues (2011) postulam que foram as limitações da memória humana que levaram o homem a buscar formas de materializar suas memórias. Assim constituíram os lugares de memória que tem como objetivo preservar os registros do conhecimento humano e possibilitar o acesso a esses registros. Nesse sentido, tem-se que os lugares de memória são:

órgãos públicos ou privados, instituídos sociais, cultural e politicamente, com o fim de preservar a memória, seja de um indivíduo, de um segmento social, de uma sociedade ou de uma nação; que tem funções de socialização, aprendizagem e comunicação, e disponibiliza informação patrimonial como fonte de pesquisa na formação de identidades, na construção da história e na produção de trabalhos científicos (FRAGOSO; AZEVEDO NETTO, 2009, p. 9).

Os lugares de memória não são apenas as bibliotecas, os arquivos e os museus, mas que também são reconhecidas como lugares de memória as instituições culturais, os monumentos e outros tipos de organizações que coletam registros culturais. Além disso, Nora (1993) afirma que lugares de memória podem ser lugares topográficos, lugares funcionais e lugares monumentais.

Entendidos assim, os lugares de memória são documentos e traços vivos, que se constituem no cruzamento histórico-cultural e simbólico-intencional que lhes dá origem, coisa que os leva a resistir à aceleração da história, à marcha da coletividade em direção ao futuro, ao fim das sociedades camponesas, e ao fim das ideologias de salvação ou de condenação, dotando-se, ao mesmo tempo, de uma surpreendente capacidade de adaptação e de atualização relativamente ao momento que passa, porque neles pulsa e se exprime, justamente, o balanço entre a História e a Memória (ABREU, 2005, p. 216).

Para Nora (1993), o conceito de lugares de memória é definido, antes de qualquer coisa, como um misto de história e memória, momentos heterogêneos, pois não tem como se ter apenas a memória, necessita-se de identificar um início, um nascimento, algo que distancie a memória do passado. Os lugares de memória estão, portanto, determinados por esse princípio: “só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica [...] só entra na categoria se for objeto de um ritual” (NORA, 1993, p. 21). Então, pode-se entender que Nora utiliza-se enfaticamente da ritualização de uma memória-história de um certo espaço nomeado lugares de memória, na esperança de que essa possa reagregar um indivíduo fragmentado com o qual lidamos na sociedade contemporânea. O que se faz necessário visto que, como afirmam Rodrigues e Machado (2010), a rapidez com que a história afasta-se da rotina social, das vivências, da tradição e do costume, resultam em uma memória que não é mais reconhecida no seio da sociedade, o que demanda a necessidade de lugares de memória como Bibliotecas, Arquivos e Museus, que são detentores do patrimônio histórico da sociedade e responsáveis por salvaguardar e disponibilizar esse patrimônio para a posteridade. Assim, os lugares de memória são o sustento da identidade histórica e da memória coletiva, auxiliando para que o passado não seja esquecido.

3 PRESERVAÇÃO DIGITAL

De acordo com o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005), preservação é uma prevenção da deterioração e danos em documentos, por meio de adequado controle ambiental e/ou físico e/ou químico. Cassares (2002, p. 12) define preservação como um “conjunto de medidas e estratégias de ordem administrativa, política e operacional que contribuem direta ou indiretamente para a preservação da integridade dos materiais” e, ainda, Borba (2009, p. 14) afirma que a preservação digital pode ser entendida como “a capacidade social humana de reagir de modo ágil, criativo e flexível, com soluções novas para problemas novos”.

Preservar significa tomar ações ou medidas para proteger, cuidar e manter as condições de serem acessadas. A preservação digital planeja e aplica estratégias para assegurar que a informação digital tenha um valor contínuo, íntegro, autêntico, remanescente, acessível e usável (HESDTROM, 1996), uma vez que os objetos digitais estão sujeitos a ameaças físicas (danos à mídia/suporte) e técnicas (obsolescência de hardware e software) (YAMAOKA, 2012). Assim, a preservação digital tem como desafio a obsolescência de hardwares e/ou softwares que podem impossibilitar o acesso aos documentos no futuro.

Logo, compreende-se preservação digital como uma agregação de atividades ou etapas responsáveis por garantir o acesso continuado a longo prazo à informação, além de todo um patrimônio cultural existente em formatos digitais. A preservação digital equivale a habilidade de garantir que a informação digital seja sempre acessível e com qualidade de autenticidade suficiente para que possa ser traduzida no futuro recorrendo a uma plataforma tecnológica diferente da empregada no momento da sua criação (FERREIRA, 2006).

3.1 ESTRATÉGIAS DE PRESERVAÇÃO

A fim de implementar a preservação digital pode-se adotar estratégias estruturais ou operacionais. Estratégias estruturais estão relacionadas ao planejamento, escolha de

melhores métodos e formatos e a implantação do projeto de preservação dentro da instituição. As estratégias operacionais estão relacionadas à preservação física, lógica e intelectual do objeto digital (ARELLANO, 2004).

Alguns exemplos de estratégias operacionais de preservação são (ARELLANO, 2004):

- Refrescamento, consiste na transferência de informação de um suporte físico de armazenamento para outro mais atual, antes que o primeiro se deteriore ou se torne irremediavelmente obsoleto. Ele é entendido como um pré-requisito para qualquer estratégia de preservação; a emulação é baseada na utilização de um software, capaz de reproduzir o comportamento de uma plataforma de hardware e/ou software. A sua vantagem na capacidade de preservar, está no alto grau de fidelidade, as características e as funcionalidades do objeto digital original.
- As técnicas de emulação centram-se na preservação do objeto lógico no seu formato original;
- A migração é vista como processo responsável pela reorganização dos elementos de informação que constituem um objeto digital. O processo de migração possui algumas desvantagens, como por exemplo: transferências incorretas para o formato de destino adotado, ou seja, incompatibilidade entre os formatos de origem, conversores incapazes de realizar suas tarefas;
- O encapsulamento procura manter os objetos digitais inalterados até o momento em que se tornam efetivamente necessários. A estratégia do encapsulamento consiste em preservar, juntamente com o objeto digital, toda a informação necessária e suficiente para permitir o futuro desenvolvimento de conversores, visualizadores ou emuladores.

É importante lembrar que para que se possa criar soluções ágeis é necessário que a preservação digital esteja em constante evolução para que possa acompanhar novas tecnologias que são lançadas no mercado quase que a todo instante.

Adicionalmente ressaltam-se ações como replicação e backup (cópia de segurança) também colaboram para a preservação digital.

3.2 METADADOS DE PRESERVAÇÃO

De acordo com Gilliland (2008), Méndez Rodríguez (2002) e Takahashi (2000), metadados significa literalmente "dados sobre dados", o que equivale a informações descritivas sobre o conteúdo, a estrutura e o contexto dos dados. Dessa forma, entende-se por metadados um conjunto de características sobre os dados que muitas vezes não se encontram nos dados propriamente ditos. Metadados são informações que descrevem, planejam, demonstram, localizam e tornam mais fácil a recuperação, o uso e o gerenciamento do recurso informacional e, segundo Hodge (2001), os metadados são fundamentais para garantir que os recursos sobrevivam e continuem acessíveis no futuro.

Para Ferreira (2006) é o produto da metainformação de preservação contida nos metadados, que detém a responsabilidade de reunir, junto do material custodiado, informação detalhada sobre sua procedência, história custodial, veracidade, sua autenticidade, atividades preservacionistas e um âmbito tecnológico. Logo, a importância de criar metadados descritivos é facilitar a descoberta de informações relevantes. Além de descobrir recursos, os metadados podem ajudar a organizar recursos eletrônicos, facilitar a interoperabilidade e a união de recursos obtidos, oferecer suporte à identificação digital e apoiar o arquivamento e a preservação (HODGE, 2001).

Dessa forma, a fim de promover a preservação digital de forma a permitir que os dados/informações sejam recuperados e compreendidos no futuro é preciso associar a eles metadados. Recomenda-se que a descrição obedeça a algum padrão, onde os mais utilizados e conhecidos são o Dublin Core, o METS, PREMIS, entre outros. No contexto desse trabalho será utilizado o Dublin Core¹ que é um padrão de metadados mantido pela *Dublin Core Metadata Initiative*.

¹ <http://dublincore.org>

O Dublin Core possui um conjunto de elementos de metadados planejado para facilitar a descrição dos recursos eletrônicos. Ele é um padrão capaz de descrever diversificadas coleções documentais que vão de acervos arquivísticos e bibliográficos até objetos tridimensionais e eventos. É a catalogação do dado ou descrição do recurso eletrônico. Suas especificações são autorizadas pelos padrões ISO 15836-2003 e NISO Z39.85-2001, que autorizam a descrição documental com qualidade. (SOUZA et al., 2000).

O conjunto de metadados da DC é composto por dois níveis de descritores que são: os 15 elementos básicos/simples e os 3 elementos qualificados/refinamento. Os elementos básicos são;

- *Title*: Título - será o nome pelo qual o recurso é formalmente conhecido, podendo ser o próprio título.
- *Creator*: Autor - pode uma pessoa, uma organização ou um serviço.
- *Subject*: Assunto – será expresso por palavras-chave, descritores ou códigos de classificação que descrevam o tema do recurso.
- *Description*: Descrição - pode incluir tabelas de conteúdo, referências para uma representação de conteúdo ou um texto livre que relate do que trata o conteúdo.
- *Publisher*: Editor – pode incluir uma pessoa, uma organização ou serviço.
- *Contributor*: Contribuidor/ colaborador – pode englobar uma pessoa, uma organização ou serviço que de alguma forma colaborou na criação do conteúdo.
- *Date*: Data - data será associada a criação ou disponibilização do recurso.
- *Type*: Tipo do recurso - descrição de categorias gerais, funções, espécies ou níveis de agregação para o conteúdo, recomenda-se utilizar vocabulário controlado.

- *Format*: Formato – explicita a manifestação física ou digital do recurso e pode incluir o tipo da mídia ou as dimensões do recurso, pode ser usado para determinar o software, hardware ou outro equipamento necessário para mostrar ou operar o recurso.
- *Identifier*: Identificador do recurso – identificação única para o recurso, como por exemplo um *Uniform Resource Identificador* - URI.
- *Source*: Fonte – referência para o recurso a partir do qual o que está sendo representado se originou inteiramente ou em parte.
- *Language*: Idioma – identificação do idioma do recurso. Recomenda-se o uso da RFC 1766 que inclui um código de língua em 2 letras (do padrão ISO 639), seguido opcionalmente pelo código do país em 2 letras também (do padrão ISO 3166).
- *Relation*: Relação – identificações das relações existentes entre o recurso e outros recursos.
- *Coverage*: Abrangência/ Cobertura - Inclui localização espacial, período temporal ou jurisdição.
- *Rights*: Gerenciamento de Direitos autorais - Conterá uma declaração de gerenciamento de direitos para o recurso. Informações de Direitos frequentemente abrangem Direito de Propriedade Intelectual, Copyright, e várias propriedades de Direitos.

Os 3 elementos qualificados são: audiência, proveniência e detentor de direitos.

Cada um dos elementos pode ser utilizado mais de uma vez e alguns podem não ser necessários, dependendo do tipo de acervo sendo trabalhado. Importante frisar que o preenchimento dos metadados e a qualidade do preenchimento influencia diretamente em uma maior probabilidade de recuperação do recursos posteriormente.

3.3 PRESERVAÇÃO DE PLANTAS DE ARQUITETURA

Para Amorim (2009), a documentação arquitetônica é o processo sistemático da aquisição, tratamento, indexação, armazenamento, busca/recuperação, disponibilização e divulgação de dados e informações gráficas e não gráficas, sobre as construções, para os mais diversos fins.

De acordo com a *The British Library National Preservation Office* (2003), a preservação aconselha cuidar dos assuntos relacionados a deterioração dos documentos. Compreendendo uma política global, onde se encaixa a parte administrativa até a higienização dos documentos, desde as medidas mais simples até as mais complexas. Logo, as plantas arquitetônicas precisam de uma política global para que sejam conservadas e preservadas de acordo com o que se tem para desenvolver dentro de cada ambiente de trabalho.

A preservação das plantas, aliada com a documentação que compreende o projeto arquitetônico, permite examinar não só o imóvel, mas também a concepção, a história da representação gráfica, as etapas de construção e seus agentes responsáveis, em tempos e práticas. Às vezes, essa documentação pode ser o único registro de obras demolidas e daquelas que nunca saíram do papel. Para a conservação e a restauração do patrimônio construído, esses documentos também possuem uma grande importância. Porém, esse tipo de documento se encontra, em muitas instituições, espalhado e em condições inapropriadas de guarda, por falta de uma política de relevância documental e de normas de catalogação, conservação e disponibilização, o que dificulta o acesso a esse material e pesquisas futuras a ele. A *Guide to the Archival Care of Architectural Records* datado de 2000 mostra algumas formas de lidar com a preservação das plantas de arquitetura existentes pelo mundo, ajudando a melhor entender a importância da salvaguarda correta desses documentos que são importantes para a população de alguma forma.

Considerando que, geralmente, as práticas no patrimônio construído edificado são realizadas ou fiscalizadas pelo poder público, constata-se, a partir da vivência na realização do projeto que deu origem a esse trabalho que é institucionalmente raro o costume de criar e manter seus arquivos arquitetônicos completos e atualizados.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se como pesquisa exploratória, de acordo com Gil (2002) o objetivo da pesquisa é “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”.

Fez uso das técnicas de levantamento bibliográfico e documental. Bibliográfico a partir de buscas em sites, artigos científicos e livros. Documental por meio das informações existentes sobre as plantas de arquitetura cedidas pela Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC, setor integrante da Secretaria de Planejamento Urbano (SEPLAN), que responde pela preservação do patrimônio cultural material e imaterial do Recife. A Diretoria possibilita ao cidadão conhecer um pouco mais da memória urbana da cidade do Recife por meio do seu acervo. Também se conversou de maneira informal com os responsáveis do setor para obter mais informações sobre o acervo a ser trabalhado.

O acervo objeto de estudo é composto por plantas arquitetônicas, fotografias, documentos manuscritos, entre outros suportes documentais. Desses foram escolhidos como amostra para trabalhar nessa pesquisa 16 plantas arquitetônicas de 6 igrejas, de um acervo estimado, a partir de um inventário prévio, em aproximadamente 1.300 plantas. As plantas da amostra foram escolhidas de maneira que cobrissem um só tipo de patrimônio do centro da Cidade, com isso, foram escolhidas as Igrejas, mas o recorte também foi escolhido por fazer parte da memória coletiva e social de cada indivíduo. Construindo lembranças acerca dos espaços e do que as Igrejas proporcionavam e continuam proporcionando. E entre elas foram selecionadas as dos bairros de Santo Antônio, São José e Boa Vista. Igrejas históricas, reconhecidas como um Patrimônio Cultural.

Esse trabalho também é uma pesquisa-ação visto que a autora é bolsista no Memorial Denis Bernardes (MDB) e trabalha no projeto que engloba uma parceria da DPPC com o MDB, que surgiu com o intuito de digitalizar o acervo de plantas de arquitetura que se encontra na DPPC. Assim, a Diretoria leva ao MDB mensalmente um

a dois lotes de plantas para a digitalização desse material que fica sob custódia do Memorial durante o processo. Ao fim da digitalização de cada lote, a DPPC recolhe o físico e leva uma cópia do digital, que também fica custodiado no MDB. Assim, a temática estudada nesse trabalho serviu para o aprimoramento da prática no MDB, assim como o trabalho no MDB serviu de subsídio para realização desse trabalho.

O trabalho aqui apresentado engloba duas fases do processo de preservação digital das plantas arquitetônicas, em andamento: a digitalização, que tem como objetivo a conversão de um documento para o formato digital de acordo com dispositivo correto e a representação do recurso digitalizado. Ressalta-se que o projeto em parceria com o MDB é apenas para a digitalização do acervo, mas para o presente trabalho foi estendido para a representação da informação por meio do padrão de metadados Dublin Core.

O material foi digitalizado através da máquina Contex IQ 4400, com o auxílio do programa Nextimage, onde há toda a seleção de como digitalizar a planta, qualidade, cores e tamanho. As plantas pertencentes a Diretoria, são digitalizadas em TIFF (*TaggedImage File Format* – Formato de Arquivo de Imagem com Tags), com resolução de 300 DPI (*Dots Per Inch* – Ponto Por Polegada) e com coloração de tons de cinza, para uma melhor visualização do documento que está sendo digitalizado, pois há algumas imagens que chegam bem claras.

O conteúdo digitalizado foi descrito em tabelas do software Excel fazendo uso de elementos do padrão de metadados Dublin Core. Procurou-se, na medida do possível, anteder aos 15 elementos básicos do padrão. Para o preenchimento dos metadados e contextualização sobre as igrejas se utilizou a informação disponível nos documentos da DPPC e as informações levantadas com as pessoas do referido setor, assim como informações presentes na internet sobre as igrejas representadas.

Para enriquecer o trabalho foi também adicionada uma foto atual da igreja representada na planta.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo serão mostrados os resultados obtidos com a amostra das plantas de arquitetura fornecidas pela Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural de Recife, onde se encontram armazenadas. Será mostrada a planta digitalizada de cada lugar escolhido, uma fotografia de como se encontra hoje o imóvel (fotografada pela própria autora) e um quadro com os elementos de metadados no padrão Dublin Core – DC, escolhidos para representar cada imagem.

O acervo quando foi entregue para a digitalização não possuía uma breve higienização ou qualquer outro tipo de cuidado, muitas vezes se tornava inviável digitalizar a imagem por questões de risco à planta, muito frágil, danificada, com paliativos que só prejudicavam, como por exemplo, a fita adesiva que danifica a imagem, deixando-a mais escura com a sua oxidação devido ao tempo. O material estava mal acondicionado, muitos rolos de plantas de arquitetura juntas, prejudicando o seu manuseio por passar muito tempo na mesma posição. Quando abertas estavam se desfazendo, todas quebradiças, tornando extremamente difícil o manuseio para a máquina de digitalizar. O local de digitalização não possuía estrutura para os devidos cuidados, a máquina não recebia manutenção e muitas vezes as plantas acabavam arranhando a lente da *scanner* e deixando marcas no documento no formato digital.

O ideal para se trabalhar com a preservação do acervo seria uma breve higienização, remoção de objetos que pudessem danificar tanto a máquina quanto o documento. Adquirir um espaço adequado para acomodar as plantas de maneira que elas não fiquem em rolos, podendo ajudar na sua durabilidade física. Ter outros equipamentos para a digitalização de algumas plantas que são de material muito sensível para serem puxadas pela *Contex IQ 4400*, pois a máquina quando puxa, muitas vezes prende o documento e acaba rasgando, causando um problema maior para a preservação do material.

5.1 IGREJA DA MADRE DE DEUS

A Igreja da Madre de Deus fica localizada no centro da Cidade no bairro do Recife. Construída em 1655, a igreja em si sofreu pequenas e grandes modificações desde a sua construção. A modificação que está entre as mais significativas foi a da segunda torre sineira, em 1931. No mesmo ano, a igreja foi tombada pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Houve um incêndio em 1971, destruindo grande parte da capela-mor. As obras de restauração realizadas pelo IPHAN na década de 1980 recuperaram grande parte do que foi destruído pelo fogo.

A igreja possuía um convento, quando a ordem religiosa foi extinta por volta do século XIX, o convento passou a funcionar como Alfândega, em 2001 passou por uma reforma e se transformou no Shopping Paço Alfândega até os dias atuais.

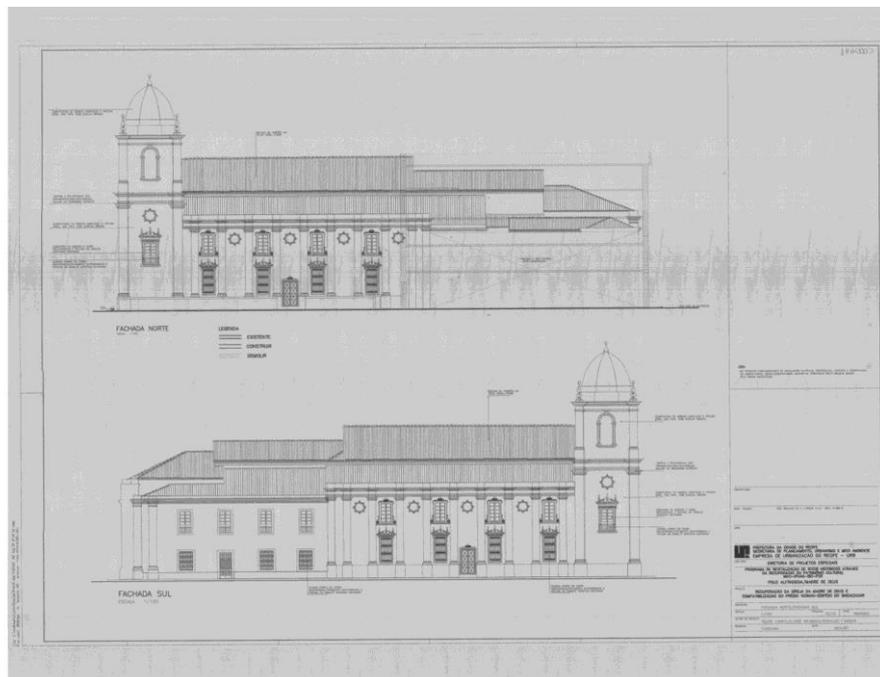
Dessa igreja, foram levantadas 3 plantas: duas plantas da lateral (Figuras 1 e 3) da igreja e uma fachada principal (Figura 5). As fotografias referentes a estas podem ser encontradas nas Figuras 2, 4 e 6 e as descrições nos Quadros 1, 2 e 3.

Quadro 1 - Metadados da Planta I da Lateral da Igreja Madre de Deus

dc.Title	Igreja da Madre de Deus
dc.Subject	Igreja; Madre de Deus; Recife Antigo
dc.Description	Igreja construída no século XVII, com seu estilo barroco é considerada um dos templos mais bonitos do Brasil. Seu acervo possui imagens raras, como as provenientes da antiga Matriz do Corpo Santo. A lateral da Igreja na planta mostra uma torre sineira, com detalhes das janelas, grades e telhados
dc.Type	Image
dc.Source	Plantas de arquitetura da Cidade do Recife, em ótimo estado de conservação, datada de 1997, coloração em tons de cinza
dc.Coverage	Recife-PE
dc.Creator	Felipe Campelo; José Brandão, Ronaldo L'Amour
dc.Contributor	Carolina
dc.Publisher	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Rights	Prefeitura da Cidade do Recife
dc.Date	Novembro, 1997
dc.Format	Image/TIFF, 300 DPI, em escalas de cinza
dc.Identifier	Planta_IGR_C000490
dc.Language	Pt-br
dc.Audience	Público geral
dc.Provenance	Pertenceu ao escritório que geria o bairro do Recife, na década de 1990, após 2007 até os dias atuais, os documentos passaram a ser gerados pela própria DPPC
dc.RightsHolder	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC

too	dc.Relation.isrelated	Foto_Igreja_001
-----	-----------------------	-----------------

Figura 3 - Planta Lateral da Igreja da Madre de Deus – planta II



Fonte: Acervo DPPC, 2018

Figura 4 - Igreja da Madre de Deus.



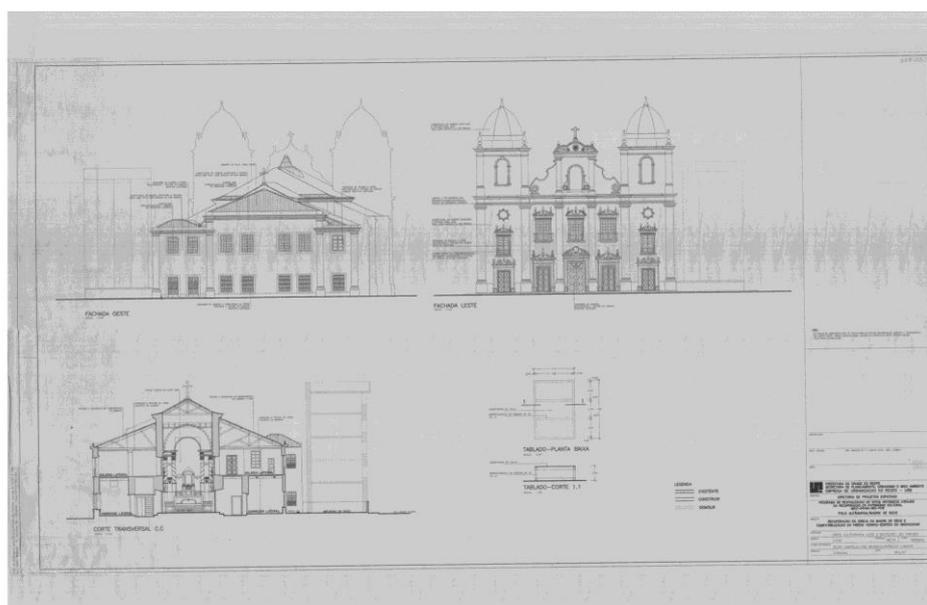
Créditos: Marcela Cavalcanti (Foto_Igreja_002)

Quadro 2 - Metadados da Planta II da Lateral da Igreja Madre de Deus

dc.Title	Igreja da Madre de Deus
dc.Subject	Igreja; Madre de Deus; Recife Antigo
dc.Description	Igreja construída no século XVII, com seu estilo barroco é considerada um dos templos mais bonitos do Brasil. Seu acervo possui imagens raras, como as provenientes da antiga Matriz do Corpo Santo. A lateral da Igreja na planta mostra a segunda torre sineira, com detalhes das janelas, grades e telhados
dc.Type	Image
dc.Source	Plantas de arquitetura da Cidade do Recife, em perfeito estado de conservação, datada de 1997 e colorações em tons de cinza
dc.Coverage	Recife-PE
dc.Creator	Felipe Campelo; José Brandão, Ronaldo L'Amour
dc.Contributor	Carolina
dc.Publisher	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Rights	Prefeitura da Cidade do Recife
dc.Date	Novembro, 1997
dc.Format	Image/TIFF, 300 DPI, em escalas de cinza
dc.Identifier	Planta_IGR_C000503
dc.Language	Pt-br
dc.Audience	Público geral
dc.Provenance	Pertenceu ao escritório que geria o bairro do Recife, na década de 1990, após 2007 até os dias atuais, os documentos passaram a ser gerados pela própria DPPC

dc.RightsHolder	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Relation.isrelated too	Foto_Igreja_002

Figura 5 – Igreja Planta da Fachada Principal da Igreja da Madre de Deus



Fonte: Acervo DPPC, 2018

Figura 6 – Igreja da Madre de Deus.



Créditos: Marcela Cavalcanti (Foto_Igreja_003)

Quadro 3 - Metadados da Fachada Principal da Igreja Madre de Deus

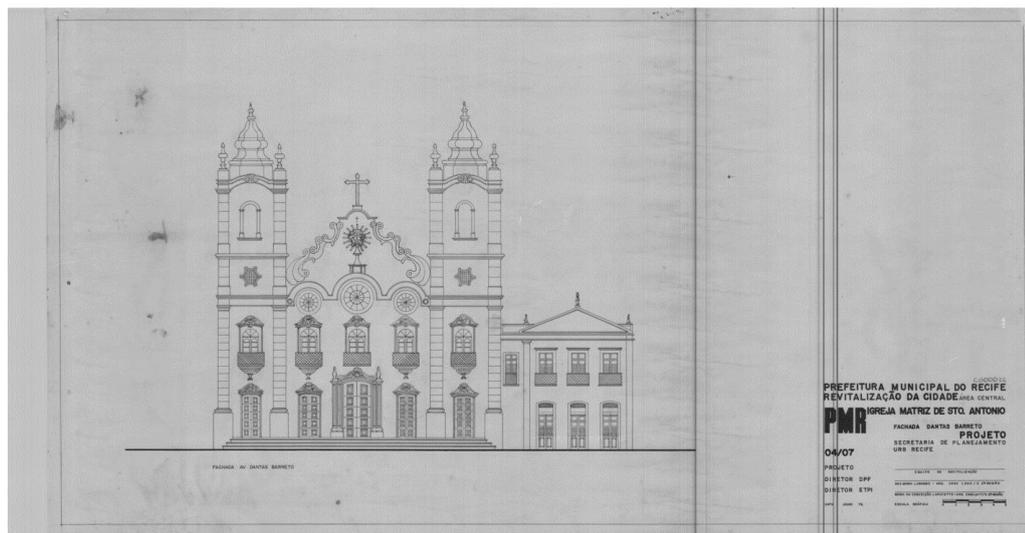
dc.Title	Igreja da Madre de Deus
dc.Subject	Igreja; Madre de Deus; Recife Antigo
dc.Description	Igreja construída no século XVII, com seu estilo barroco é considerada um dos templos mais bonitos do Brasil. Seu acervo possui imagens raras, como as provenientes da antiga Matriz do Corpo Santo. A lateral da Igreja na planta mostra uma torre sineira, com detalhes das janelas, grades e telhados, dessa vez mostrando sua fachada, com as duas torres sineiras e todo o seu detalhe na fachada
dc.Type	Image
dc.Source	Plantas de arquitetura da Cidade do Recife em perfeito estado de conservação, datada de 1997 e colorações em tons de cinza
dc.Coverage	Recife-PE
dc.Creator	Felipe Campelo; José Brandão, Ronaldo L'Amour
dc.Contributor	Carolina
dc.Publisher	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Rights	Prefeitura da Cidade do Recife
dc.Date	Novembro, 1997
dc.Format	Image/TIFF, 300 DPI, em escalas de cinza
dc.Identifier	Planta_IGR_C000493
dc.Language	Pt-br
dc.Audience	Público geral
dc.Provenance	Pertenceu ao escritório que geria o bairro do Recife, na década de 1990, após 2007 até os dias atuais, os documentos passaram a ser gerados pela própria DPPC
dc.RightsHolder	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural –

	DPPC
dc.Relation.isrelated too	Foto_Igreja_003

5.2 IGREJA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Igreja do Santíssimo Sacramento, também conhecida como Igreja Matriz de Santo Antônio, localizada no bairro de Santo Antônio. Construída onde era a antiga casa de pólvora dos holandeses. Sua fachada nunca sofreu mudanças desde a sua construção no século XVIII. É a única igreja católica do Recife que possui imagem de São Jorge e missa para o santo no seu dia. Em uma das torres, existe uma capela dedicada a Santo Antônio, o que faz muitos pensarem que este templo é dedicado ao santo casamenteiro. Ainda hoje a igreja funciona normalmente para visitas e há missas diárias. Dessa igreja, foram levantadas 4 plantas correspondentes aos quatro lados da igreja (Figuras 7, 9, 11 e 13). As fotografias referentes a estas podem ser encontradas nas Figuras 8, 10, 12 e 14 e as descrições nos Quadros 5, 6, 7 e 8.

Figura 7 - Planta Igreja do Santíssimo Sacramento – Fachada Dantas Barreto (Matriz de Santo Antônio)



Fonte: Acervo DPPC, 2018

Figura 8 - Igreja do Santíssimo Sacramento (Matriz de Santo Antônio).



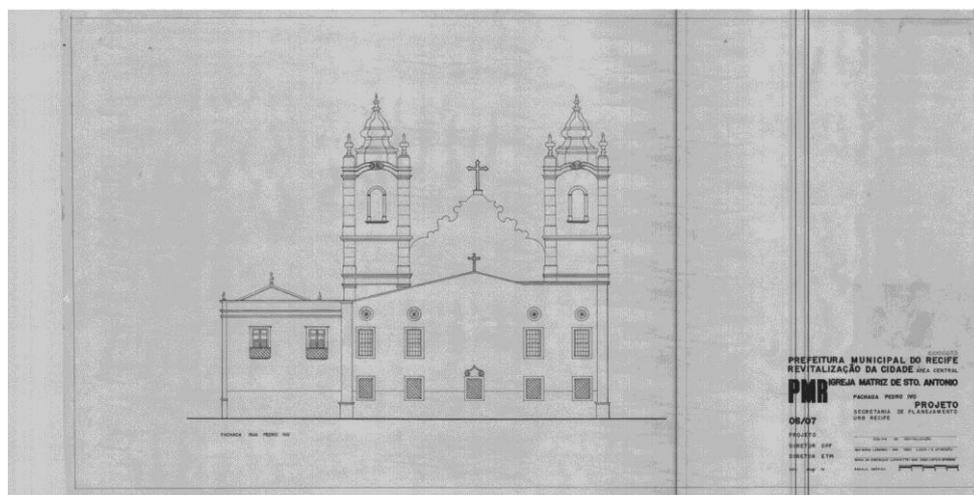
Créditos: Marcela Cavalcanti (Foto_Igreja_004)

Quadro 4 - Metadados da Planta Igreja do Santíssimo Sacramento – Fachada Dantas Barreto (Matriz de Santo Antônio)

dc.Title	Igreja do Santíssimo Sacramento
dc.Subject	Igreja; Matriz de Santo Antônio; Santo Antônio
dc.Description	Igreja localizada no bairro de Santo Antônio, construída no século XVIII. A igreja católica possui imagens de Nossa Senhora da Piedade e Rei Magos. Fachada com detalhes nas portas e janelas, com duas torres sineiras, uma cruz no meio das torres
dc.Type	Image
dc.Source	Plantas de arquitetura da Cidade do Recife em perfeito

	estado de conservação, datada de 1978 e colorações em tons de cinza, com leves manchas pretas de tinta preta
dc.Coverage	Recife-PE
dc.Creator	
dc.Contributor	Ana Maria Lubambo; Maria da Conceição Lafayette
dc.Publisher	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Rights	Prefeitura da Cidade do Recife
dc.Date	Julho, 1978
dc.Format	Image/TIFF, 300 DPI, em escalas de cinza
dc.Identifier	Planta_IGR_C000022
dc.Language	Pt-br
dc.Audience	Público geral
dc.Provenance	Pertenceu ao escritório que geria o bairro do Recife, na década de 1990, após 2007 até os dias atuais, os documentos passaram a ser gerados pela própria DPPC
dc.RightsHolder	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Relation.isrelatedto	Foto_Igreja_004

Figura 9 – Planta Igreja do Santíssimo Sacramento – Fachada Rua Pedro Ivo (Matriz de Santo Antônio)



Fonte: Acervo DPPC, 2018

Figura 10 - Igreja do Santíssimo Sacramento (Matriz de Santo Antônio).



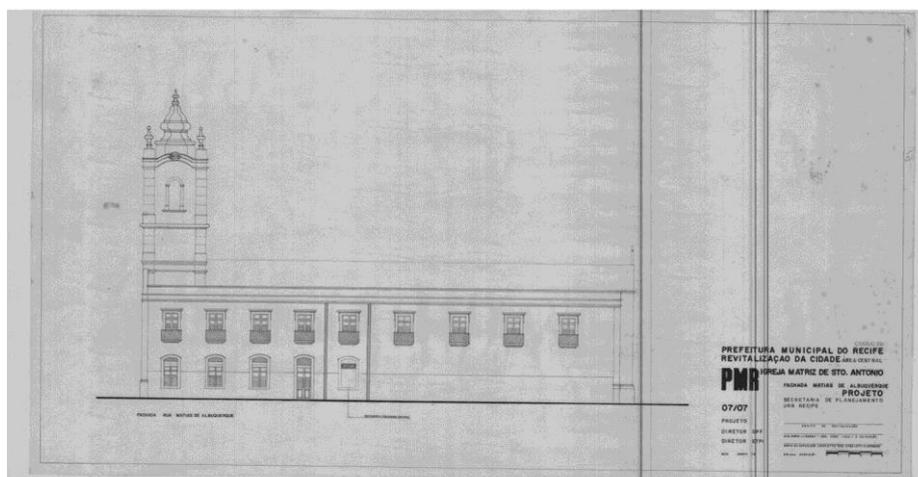
Créditos: Marcela Cavalcanti (Foto_Igreja_005)

Quadro 5 - Metadados da Planta Igreja do Santíssimo Sacramento – Fachada Rua Pedro Ivo (Matriz de Santo Antônio)

dc.Title	Igreja do Santíssimo Sacramento
dc.Subject	Igreja; Matriz de Santo Antônio; Santo Antônio
dc.Description	Igreja localizada no bairro de Santo Antônio, construída no século XVIII. A igreja católica possui imagens de Nossa Senhora da Piedade e Rei Magos. Fachada dos fundos da igreja com janelas, aparecendo a parte de trás das duas torres sineiras e a parte de trás da cruz que fica entre as torres
dc.Type	Image
dc.Source	Plantas de arquitetura da Cidade do Recife em perfeito estado de conservação, datada de 1978 e colorações em tons de cinza
dc.Coverage	Recife-PE
dc.Creator	
dc.Contributor	Ana Maria Lubambo; Maria da Conceição Lafayette
dc.Publisher	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Rights	Prefeitura da Cidade do Recife
dc.Date	Julho, 1978
dc.Format	Image/TIFF, 300 DPI, em escalas de cinza
dc.Identifier	Planta_IGR_C000025
dc.Language	Pt-br
dc.Audience	Público geral
dc.Provenance	Pertenceu ao escritório que geria o bairro do Recife, na década de 1990, após 2007 até os dias atuais, os documentos passaram a ser gerados pela própria DPPC

dc.RightsHolder	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Relation.isrelatedto	Foto_Igreja_005

Figura 11 – Planta Igreja do Santíssimo Sacramento – Fachada Rua Matias de Albuquerque (Matriz de Santo Antônio)



Fonte: Acervo DPPC, 2018

Figura 12 - Igreja do Santíssimo Sacramento (Matriz de Santo Antônio).



Créditos: Marcela Cavalcanti (Foto_Igreja_006)

Quadro 6 - Metadados da Planta Igreja do Santíssimo Sacramento –
Fachada Rua Matias de Albuquerque (Matriz de Santo Antônio)

dc.Title	Igreja do Santíssimo Sacramento
dc.Subject	Igreja; Matriz de Santo Antônio; Santo Antônio
dc.Description	Igreja localizada no bairro de Santo Antônio, construída no século XVIII. A igreja católica possui imagens de Nossa Senhora da Piedade e Rei Magos. Fachada lateral com janelas com pequenas varandas e uma porta. Mostra a lateral de uma torre sineira
dc.Type	Image
dc.Source	Plantas de arquitetura da Cidade do Recife em perfeito estado de conservação, datada de 1978 e colorações em tons de cinza
dc.Coverage	Recife-PE
dc.Creator	
dc.Contributor	Ana Maria Lubambo; Maria da Conceição Lafayette
dc.Publisher	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Rights	Prefeitura da Cidade do Recife
dc.Date	Agosto, 1978
dc.Format	Image/TIFF, 300 DPI, em escalas de cinza
dc.Identifier	Planta_IGR_C000026
dc.Language	Pt-br
dc.Audience	Público geral
dc.Provenance	Pertenceu ao escritório que geria o bairro do Recife, na década de 1990, após 2007 até os dias atuais, os documentos passaram a ser gerados pela própria DPPC.
dc.RightsHolder	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC.
dc.Relation.isrelated too	Foto_Igreja_006

Figura 13 - Planta Igreja do Santíssimo Sacramento – Fachada Rua Nova
(Matriz de Santo Antônio)



Fonte: Acervo DPPC, 2018

Figura 14 - Igreja do Santíssimo Sacramento (Matriz de Santo Antônio).

Créditos: Marcela Cavalcanti (Foto_Igreja_007)

Quadro 7 - Metadados da Planta Igreja do Santíssimo Sacramento – Fachada Rua Nova (Matriz de Santo Antônio)

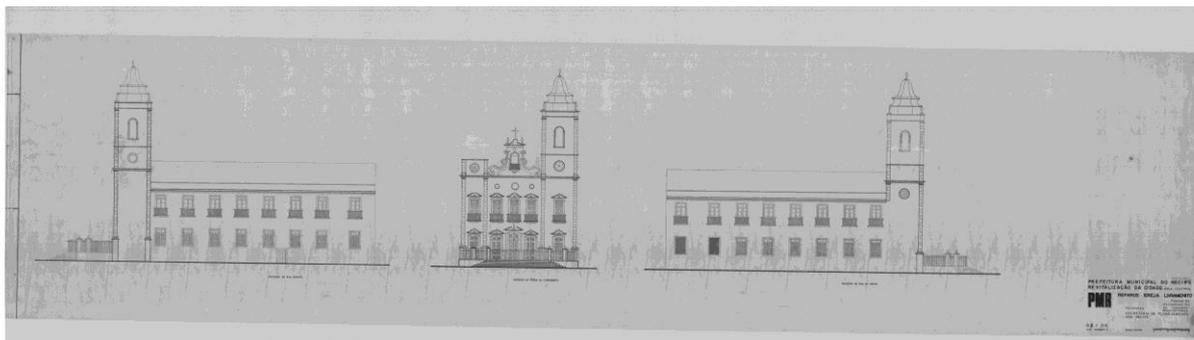
dc.Title	Igreja do Santíssimo Sacramento
dc.Subject	Igreja; Matriz de Santo Antônio; Santo Antônio
dc.Description	Igreja localizada no bairro de Santo Antônio, construída no século XVIII. A igreja católica possui imagens de Nossa Senhora da Piedade e Rei Magos. Fachada lateral com janelas com grades detalhadas. Mostra a lateral de uma torre sineira
dc.Type	Image
dc.Source	Plantas de arquitetura da Cidade do Recife em perfeito estado de conservação, datada de 1978 e colorações em tons de cinza
dc.Coverage	Recife-PE
dc.Creator	
dc.Contributor	Ana Maria Lubambo; Maria da Conceição Lafayette

dc.Publisher	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Rights	Prefeitura da Cidade do Recife
dc.Date	Julho, 1978
dc.Format	Image/TIFF, 300 DPI, em escalas de cinza
dc.Identifier	Planta_IGR_C000024
dc.Language	Pt-br
dc.Audience	Público geral
dc.Provenance	Pertenceu ao escritório que geria o bairro do Recife, na década de 1990, após 2007 até os dias atuais, os documentos passaram a ser gerados pela própria DPPC.
dc.RightsHolder	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC.
dc.Relation.isrelatedto	Foto_Igreja_007

5.3 IGREJA DE NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO

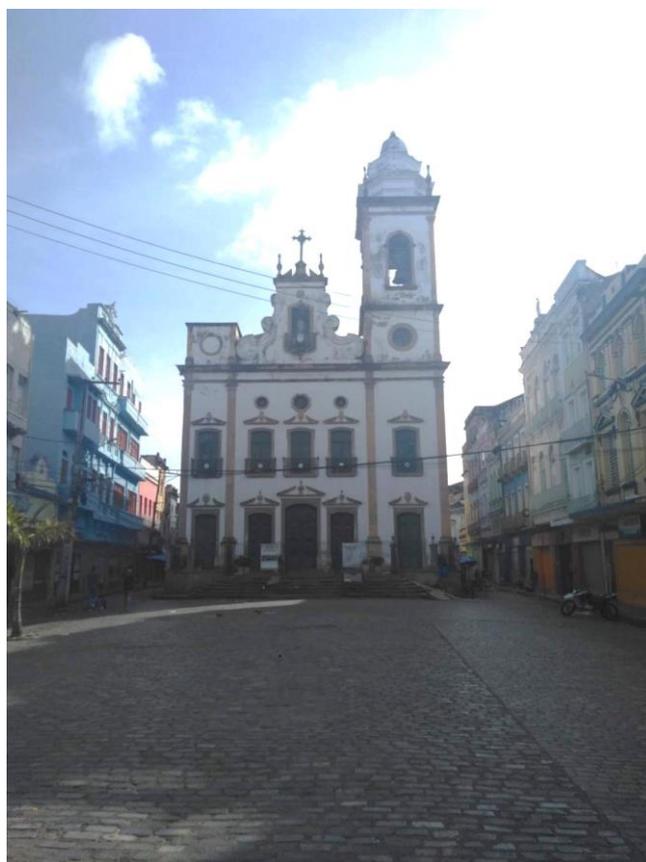
Localizada no bairro de Santo Antônio, a Igreja de Nossa Senhora do Livramento foi aberta ao culto religioso em dezembro de 1882. Há registros de que sua construção foi iniciada em 1694, onde já existia uma igreja simples. A igreja possui linhas clássicas coloniais e a sua fachada apresenta traços de relevo em pedra cantaria e em granito lavrado. A sua frente possui uma área toda no gradil de ferro, com três portões sobre uma escadaria de pedra. Possui um teto que é uma obra de arte em madeira, cobrindo toda a amplitude do salão. Dessa igreja foi encontrada uma planta (Figura 15) apresentando três imagens, uma da fachada principal e duas das laterais da igreja. As fotografias referentes a estas podem ser encontradas nas Figuras 16, 17 e 18 e a descrição da planta no Quadro 8.

Figura 15 - Planta de Reparos da Igreja de Nossa Senhora do Livramento



Fonte: Acervo DPPC, 2018

Figura 16 - Igreja de Nossa Senhora do Livramento.



Créditos: Marcela Cavalcanti (Foto_Igreja_008)

Figura 17 - Igreja de Nossa Senhora do Livramento.



Créditos: Marcela Cavalcanti (**Foto_Igreja_009**)

Figura 18 - Igreja de Nossa Senhora do Livramento.



Créditos: Marcela Cavalcanti (**Foto_Igreja_010**)

Quadro 8 - Metadados da Planta de Reparos da Igreja de Nossa Senhora do Livramento

dc.Title	Igreja de Nossa Senhora do Livramento
dc.Subject	Igreja; Livramento; Rua da Direita
dc.Description	Localizada no Bairro de Santo Antônio, há registros que indicam que sua construção data de 1694, entalhada pelo famoso João da Costa Furtado, em 1715 e 1717. Fachada frontal em detalhes, portas e janelas e uma torre sineira. As fachadas laterais possuem janelas e é possível visualizar a torre sineira.
dc.Type	Image
dc.Source	Plantas de arquitetura da Cidade do Recife em perfeito estado de conservação, datada de 1977 e colorações em tons de cinza e com leves amassados nas bordas do material
dc.Coverage	Recife-PE
dc.Creator	
dc.Contributor	
dc.Rights	Prefeitura da Cidade do Recife
dc.Date	Dezembro, 1977
dc.Format	Image/TIFF, 300 DPI, em escalas de cinza
dc.Identifier	Planta_IGR_C000026
dc.Language	Pt-br
dc.Audience	Público geral
dc.Provenance	Pertenceu ao escritório que geria o bairro do Recife, na década de 1990, após 2007 até os dias atuais, os documentos passaram a ser gerados pela própria DPPC.
dc.RightsHolder	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural –

	DPPC.
dc.Relation.isrelated too	Foto_Igreja_008, Foto_Igreja_009, Foto_Igreja_010

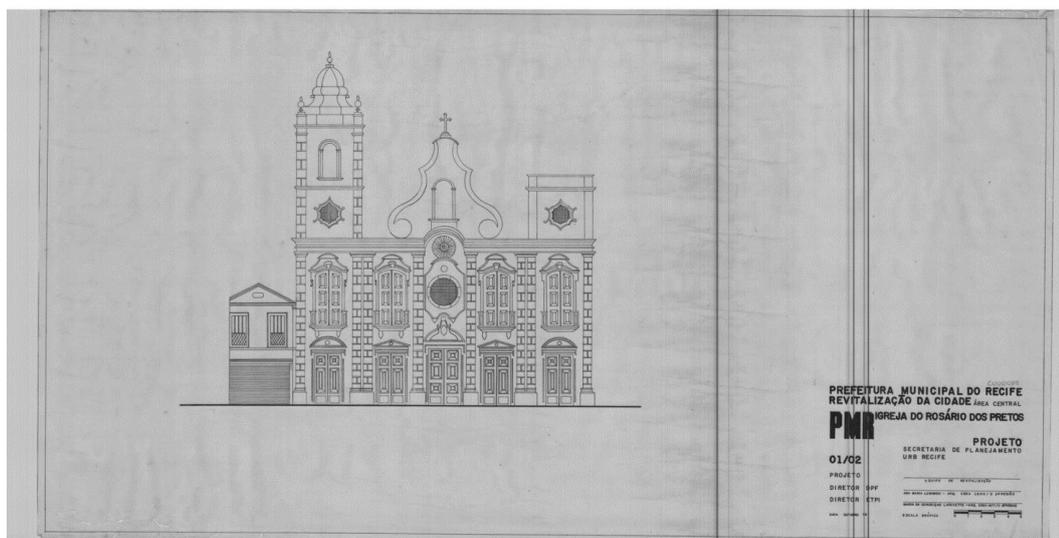
5.4 IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS (IGREJA ROSÁRIO DOS PRETOS)

Edificada em 1630 pela Irmandade do Rosário dos Homens Pretos, uma associação para os escravos negros. A Irmandade existiu com o intuito de unir os vários costumes africanos, para melhor atender as suas necessidades e que não houvesse divergências. As festas da Irmandade eram constituídas por batuques e danças, não sendo parte do conjunto católico. Sendo assim, alguns ritos foram proibidos pela Inquisição. A Irmandade conservava o sistema de coroação presente na África, com os rituais e as procissões em maracatu. Em 1645, Henrique Dias festejou, juntamente aos seus irmãos negros, na Igreja da Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, todas as pompas de sua padroeira. Em 1888, estão registrados nos livros da Irmandade todos os coroamentos que foram feitos dos reis e rainhas da Angola, do Congo e de Cambinda. Dessas coroações surgiu o maracatu.

A fachada do templo estava desgastada, no ano de 1739 a Irmandade então decidiu construir uma nova fachada. As obras foram inspiradas nos conventos franciscanos. A Igreja se tornou um ícone da arte barroca. Com a chegada da República, a Irmandade adotou outro sistema religioso, passou a receber pessoas de qualquer cor. A Irmandade passou a se enquadrar nas conjunturas e cânones vigentes nas irmandades católicas e ordens religiosas.

Dessa igreja, foram levantadas 2 plantas: uma da fachada principal (Figura 20) e uma da fachada lateral direita (Figura 22). As fotografias referentes a estas podem ser encontradas nas Figuras 21 e 23 e as descrições nos Quadros 11 e 12.

Figura 19 - Planta da Fachada Posterior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos



Fonte: Acervo DPPC, 2018

Figura 20 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.



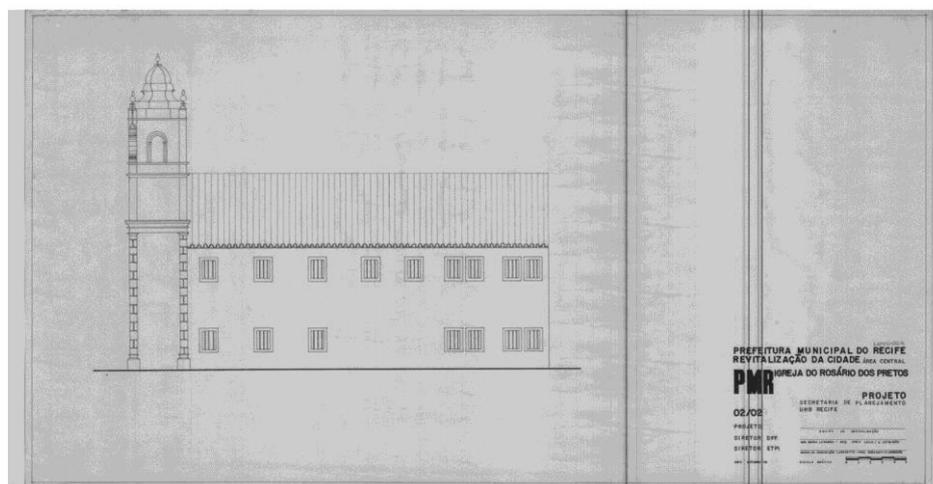
Créditos: Marcela Cavalcanti (Foto_Igreja_011)

Quadro 9 - Metadados da Planta da Fachada Posterior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos

dc.Title	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos
dc.Subject	Igreja; Rosário dos Pretos; Santo Antônio
dc.Description	Localizada no bairro de Santo Antônio, há registros de sua construção do ano de 1630, fundada por negros a procura de amenizar a necessidade de seus costumes africanos, contrariando o conjunto católico e sendo proibido pela Inquisição. A fachada frontal constitui uma torre sineira, portas grandes na cor verde e janelas grandes, no meio há uma cruz e logo abaixo uma imagem
dc.Type	Image
dc.Source	Plantas de arquitetura da Cidade do Recife em perfeito estado de conservação, datada de 1978 e colorações em tons de cinza
dc.Coverage	Recife-PE
dc.Creator	
dc.Contributor	Ana Maria Lubambo; Maria da Conceição Lafayette
dc.Publisher	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Rights	Prefeitura da Cidade do Recife
dc.Date	Outubro, 1978
dc.Format	Image/TIFF, 300 DPI, em escalas de cinza
dc.Identifier	Planta_IGR_C000003
dc.Language	Pt-br
dc.Audience	Público geral
dc.Provenance	Pertenceu ao escritório que geria o bairro do Recife, na

	década de 1990, após 2007 até os dias atuais, os documentos passaram a ser gerados pela própria DPPC
dc.RightsHolder	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Relation.isrelated too	Foto_Igreja_011

Figura 21 - Planta da Fachada Lateral Direita da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (Igreja Rosário dos Pretos)



Fonte: Acervo DPPC, 2018

Figura 22 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.



Créditos: Marcela Cavalcanti (Foto_Igreja_012)

Quadro 10 - Metadados da Planta da Fachada Lateral Direita da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos

dc.Title	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos
dc.Subject	Igreja; Rosário dos Pretos; Santo Antônio
dc.Description	Localizada no bairro de Santo Antônio, há registros de sua construção do ano de 1630, fundada por negros a procura de amenizar a necessidade de seus costumes africanos, contrariando o conjunto católico e sendo proibido pela Inquisição. A fachada lateral é constituída por várias janelas pintadas na cor verde.
dc.Type	Image
dc.Source	Plantas de arquitetura da Cidade do Recife em perfeito estado de conservação, datada de 1978 e colorações em tons de cinza
dc.Coverage	Recife-PE
dc.Creator	
dc.Contributor	Ana Maria Lubambo; Maria da Conceição Lafayette
dc.Publisher	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Rights	Prefeitura da Cidade do Recife
dc.Date	Outubro, 1978
dc.Format	Image/TIFF, 300 DPI, em escalas de cinza
dc.Identifier	Planta_IGR_C000004
dc.Language	Pt-br
dc.Audience	Público geral
dc.Provenance	Pertenceu ao escritório que geria o bairro do Recife, na década de 1990, após 2007 até os dias atuais, os documentos

	passaram a ser gerados pela própria DPPC
dc.RightsHolder	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Relation.isrelated too	Foto_Igreja_012

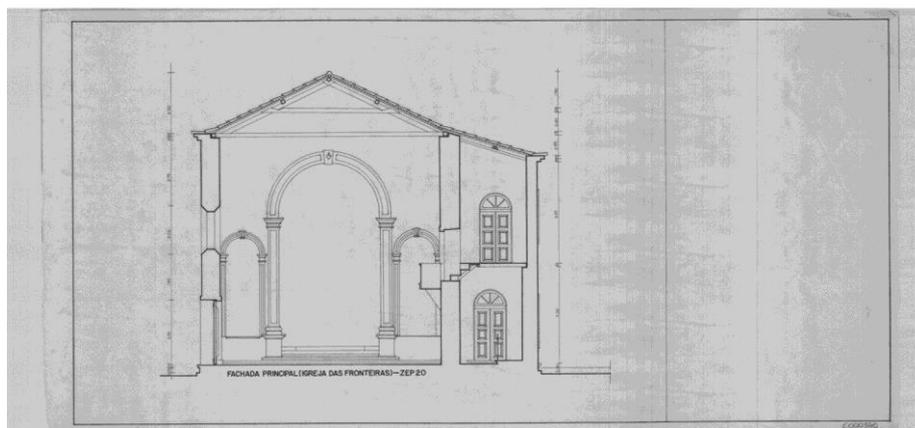
5.5 IGREJA DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

A igreja da Nossa Senhora da Assunção, fica situada na Rua das Fronteiras no bairro da Boa Vista com o seu estilo barroco. Em 1630, a Igreja fazia parte de um grande sítio, cujo proprietário era um rico colono: João Velho Barreto. Durante a invasão dos holandeses, o sítio foi ocupado por 180 homens, sob o comando do capitão Antônio Ribeiro de Lacerda, logo depois assumido por Luís Barbalho Bezerra, junto com a sua tropa de índios e colonos. A luta dos holandeses foi contra Henrique Dias e sua tropa. Um homem negro, oficial, notabilizado na batalha dos Montes dos Guararapes, conseguiu uma série de derrotas, colocando medo nos flamengos e derrotando muitos deles. Com isso, por merecimento Henrique Dias recebeu as terras dos holandeses. Com a vitória, Henrique Dias construiu uma capelinha para Nossa Senhora da Assunção nas Fronteiras da Estância (como também ficou conhecida), pensando em erguer um monumento maior em homenagem a virgem, no final das lutas. Somente em 1748 foram realizadas as construções de uma nova Igreja, substituindo a antiga capelinha, de acordo com a solicitação do Regimento de Henrique Dias, para cumprir a promessa feita por Henrique Dias. Por décadas a Igreja foi administrada por negros e referente a sua frequência.

Em 1871, fundou-se a sociedade dos Henriques, com o intuito de manter viva a devoção à Nossa Senhora da Assunção. Após o entusiasmo da Igreja, ela passou a ser administrada por irmandades estrangeiras e pelas irmãs de caridade de um colégio das proximidades. Ainda acontecem os atos religiosos. A Igreja encontra-se bem preservada e em sua fachada pode ser visto o emblema Real que lhe concedeu o título de Capela Imperial.

Dessa igreja, foram levantadas 2 plantas: uma da fachada principal (Figura 24) e uma da fachada principal vendo o átrio a sua frente (Figura 26). As fotografias referentes a estas podem ser encontradas nas Figuras 25 e 27 e as descrições nos Quadros 13 e 14.

Figura 23 - Planta da Fachada Principal da Igreja de Nossa Senhora da Assunção (Igreja das Fronteiras)



Fonte: Acervo DPPC, 2018

Figura 24 - Igreja de Nossa Senhora da Assunção (Igreja das Fronteiras).



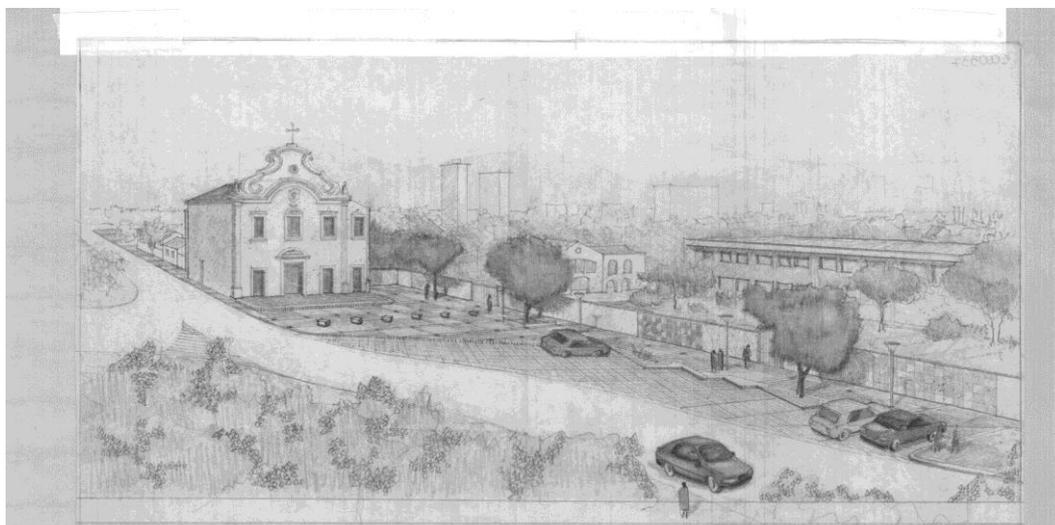
Créditos: Marcela Cavalcanti (Foto_Igreja_013)

Quadro 11 - Metadados da Planta da Fachada Principal da Igreja de Nossa Senhora da Assunção

dc.Title	Igreja de Nossa Senhora da Assunção (Igreja das Fronteiras)
dc.Subject	Igreja; Capela Imperial; Fronteiras
dc.Description	Igreja situada no bairro da Boa Vista, com registros de sua construção no ano de 1630 após Henrique Dias e sua tropa terem derrotado os holandeses. Em meados de 1748 foi erguida de fato uma Igreja no lugar da capelinha. Até hoje pode ser visto o emblema Real na sua fachada, concedendo-lhe o título de Capela Imperial. Fachada frontal com portas e janelas verde e uma cruz no topo centralizada.
dc.Type	Image
dc.Source	Plantas de arquitetura da Cidade do Recife em perfeito estado de conservação, a data é desconhecida, colorações em tons de cinza e a informação de que a planta condiz com a realidade foi fornecida pela DPPC
dc.Coverage	Recife-PE
dc.Creator	
dc.Contributor	
dc.Publisher	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Rights	Prefeitura da Cidade do Recife
dc.Date	
dc.Format	Image/TIFF, 300 DPI, em escalas de cinza
dc.Identifier	Planta_IGR_C000540
dc.Language	Pt-br
dc.Audience	Público geral

dc.Provenance	Pertenceu ao escritório que geria o bairro do Recife, na década de 1990, após 2007 até os dias atuais, os documentos passaram a ser gerados pela própria DPPC
dc.RightsHolder	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Relation.isrelated too	Foto_Igreja_013

Figura 25 - Planta do Átrio da Igreja de Nossa Senhora da Assunção (Igreja das Fronteiras)



Fonte: Acervo DPPC, 2018

Figura 26 - Igreja de Nossa Senhora da Assunção, visão do átrio.



Créditos: Marcela Cavalcanti (Foto_Igreja_014)

Quadro 12 - Metadados da Planta da Fachada e do átrio Principal da Igreja de Nossa Senhora da Assunção

dc.Title	Igreja de Nossa Senhora da Assunção (Igreja das Fronteiras)
dc.Subject	Igreja; Capela Imperial; Fronteiras
dc.Description	Igreja situada no bairro da Boa Vista, com registros de sua construção no ano de 1630 após Henrique Dias e sua tropa terem derrotado os holandeses. Em meados de 1748 foi erguida de fato uma Igreja no lugar da capelinha. Até hoje pode ser visto o emblema Real na sua fachada, concedendo-lhe o título de Capela Imperial. Desenho visto de cima, mostrando toda a área da Igreja, pátio e rua
dc.Type	Image
dc.Source	Plantas de arquitetura da Cidade do Recife em perfeito estado de conservação, a data é desconhecida, mas pela imagem é do século XX em diante por conta dos carros modernos, o desenho original é colorido e feito à mão, papel extremamente frágil

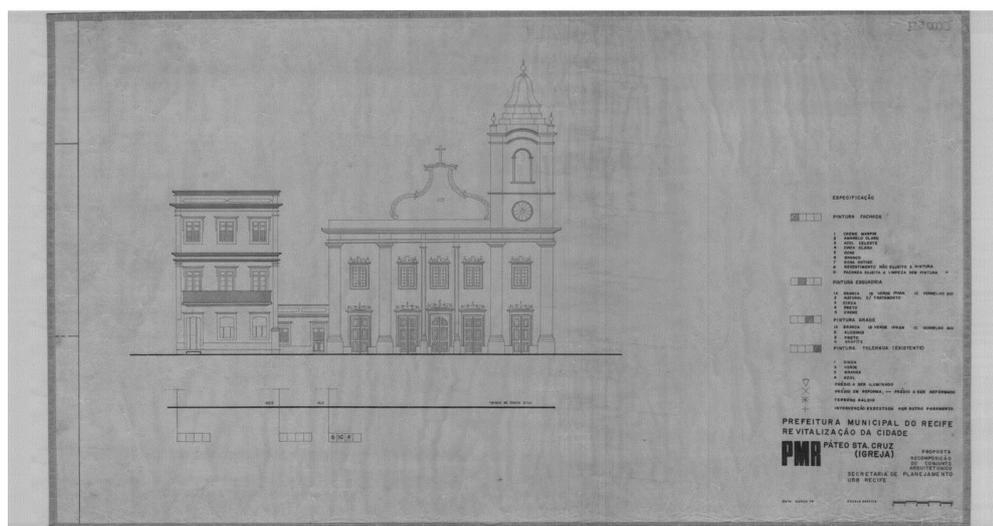
dc.Coverage	Recife-PE
dc.Creator	
dc.Contributor	
dc.Publisher	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Rights	Prefeitura da Cidade do Recife
dc.Date	
dc.Format	Image/TIFF, 300 DPI, em escalas de cinza
dc.Identifier	Planta_IGR_C000537
dc.Language	Pt-br
dc.Audience	Público geral
dc.Provenance	Pertenceu ao escritório que geria o bairro do Recife, na década de 1990, após 2007 até os dias atuais, os documentos passaram a ser gerados pela própria DPPC
dc.RightsHolder	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Relation.isrelated too	Foto_Igreja_014

5.6 IGREJA DE SANTA CRUZ

Localizada no Pátio de Santa Cruz, no bairro da Boa Vista. A Igreja havia um Cruzeiro de pedra, em 1821, foi demolido a mando do governador pernambucano Luís do Rêgo Barreto. O registro mais antigo que se tem da Igreja vem da terceira década do século XVIII, concedendo indulgências plenárias à Irmandade do Senhor Bom Jesus da Via Sacra. A Igreja apresenta uma só torre em seu lado esquerdo. Erguida nela, encontram-se as Irmandades: Confraria do Senhor Bom Jesus da Via Sacra, Irmandade de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro e Irmandade da Senhora Santana. O templo serviu de paróquia até 1793, ano que o Santíssimo Sacramento foi transferido para a Igreja da Boa Vista, cuja construção não estava finalizada na época. A Igreja é aberta ao público constantemente, costuma servir como palco para concertos de música clássica, eventos não-religiosos.

Dessa igreja, foram levantadas 2 plantas: uma da fachada principal (Figura 28) e uma da fachada lateral (Figura 30). As fotografias referentes a estas podem ser encontradas nas Figuras 29 e 31 e as descrições nos Quadros 15 e 16.

Figura 27 - Planta Revitalização da Cidade. Fachada Principal Pátio Santa Cruz (Igreja)



Fonte: Acervo DPPC, 2018

Figura 28 - Igreja de Santa Cruz

Créditos: Marcela Cavalcanti (Foto_Igreja_015)

Quadro 13 - Metadados da Planta da Fachada Principal da Igreja de Santa Cruz

dc.Title	Igreja de Santa Cruz
dc.Subject	Igreja; Santa Cruz; Boa Vista
dc.Description	Igreja está localizada no Pátio da Santa Cruz no bairro da Boa Vista. Erguida entre 1725 e 1732. O registro mais antigo que se tem da Igreja está relacionado a concessão de indulgências plenárias à Irmandade do Senhor do Bom Jesus da Via Sacra. A Igreja possui apenas uma torre sineira e após 1793 o Santíssimo Sacramento foi transferido para a Igreja da Boa Vista. Hoje, a Igreja realiza concertos de músicas clássicas. A fachada frontal possui uma cruz centralizada, no topo direito um sino, portas e janelas pintadas na cor marrom e a frente da Igreja possui grades para proteção
dc.Type	Image
dc.Source	Plantas de arquitetura da Cidade do Recife em um bom estado de conservação, um pouco oxidada, datada de 1978 e colorações em tons de cinza
dc.Coverage	Recife-PE

dc.Creator	
dc.Contributor	
dc.Publisher	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Rights	Prefeitura da Cidade do Recife
dc.Date	Março, 1978
dc.Format	Image/TIFF, 300 DPI, em escalas de cinza
dc.Identifier	Planta_IGR_C000531
dc.Language	Pt-br
dc.Audience	Público geral
dc.Provenance	Pertenceu ao escritório que geria o bairro do Recife, na década de 1990, após 2007 até os dias atuais, os documentos passaram a ser gerados pela própria DPPC
dc.RightsHolder	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Relation.isrelated to	Foto_Igreja_015

Quadro 14 - Metadados da Planta da Lateral da Igreja de Santa Cruz

dc.Title	Igreja de Santa Cruz
dc.Subject	Igreja; Santa Cruz; Boa Vista
dc.Description	Igreja está localizada no Pátio da Santa Cruz no bairro da Boa Vista. Erguida entre 1725 e 1732. O registro mais antigo que sem tem da Igreja está relacionado a concessão de indulgências plenárias à Irmandade do Senhor do Bom Jesus da Via Sacra. A Igreja possui apenas uma torre sineira e após 1793 o Santíssimo Sacramento foi transferido para a Igreja da Boa Vista. Hoje, a Igreja realiza concertos de músicas clássicas. A lateral da igreja possui várias janelas com grades na cor marrom
dc.Type	Image
dc.Source	Plantas de arquitetura da Cidade do Recife em um bom estado de conservação, um pouco oxidada, datada de 1978 e colorações em tons de cinza
dc.Coverage	Recife-PE
dc.Creator	
dc.Contributor	
dc.Publisher	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Rights	Prefeitura da Cidade do Recife
dc.Date	Junho, 1978
dc.Format	Image/TIFF, 300 DPI, em escalas de cinza
dc.Identifier	Planta_IGR_C000528
dc.Language	Pt-br
dc.Audience	Público geral
dc.Provenance	Pertenceu ao escritório que geria o bairro do Recife, na

	década de 1990, após 2007 até os dias atuais, os documentos passaram a ser gerados pela própria DPPC
dc.RightsHolder	Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC
dc.Relation.isrelated too	Foto_Igreja_016

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apresentou o relato de experiência de realização das etapas de digitalização e representação da informação no contexto do projeto de digitalização feito pelo Memorial Denis Bernardes das plantas arquitetônicas da Cidade do Recife que estão sob a responsabilidade da Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DPPC.

O projeto não previa a descrição dos recursos, mas apenas sua digitalização. Porém, percebe-se que, para recuperação do conteúdo digital, essa representação se faz necessária, inclusive para direcionar o projeto para os caminhos da preservação digital, onde o preenchimento dos metadados se faz fundamental. Como também, se, futuramente se desejar oferecer acesso aos recursos digitalizados, essa representação também será útil tanto para contextualizá-los, quanto para recuperá-los. Além disso, disponibilizar por meio digital as plantas, pode preservar os originais por diminuir o seu manuseio físico.

O tipo de material trabalhado mostra-se relevante pois carrega uma memória sobre lugares que já sofreram tanta alteração e que, talvez em um futuro, possam não existir mais.

Indica-se como trabalhos futuros a inserção das plantas em um contexto de curadoria digital, onde a gestão do conteúdo digital, sua preservação e acesso serão melhor trabalhados, assim como um pensar sobre a aplicação de ciclos de curadoria digital desde a criação das plantas, aplicar a parte da metodologia no acervo completo das plantas de arquitetura, no caso das novas plantas que vem sendo produzidas para a cidade do Recife.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1014 p. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/nafreitas/abbagnano-nicola-dicionario-de-filosofia-15776809>>. Acesso em: 12 dez. 2018.
- ABRAMS, Stephen; CRUSE, Patricia; KUNZE, John. Preservation Is Not a Place. **The International Journal Of Digital Curation**, Califórnia, v. 4, n. 1, p.8-21, 2009. Disponível em: <<http://www.ijdc.net/article/view/98/73>>. Acesso em: 12 dez. 2018.
- ABREU, José Guilherme. Arte Pública e Lugares de Memória. **Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Patrimônio**, Porto, v. 4, n. 1, p.215-234, 2005. Anual. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4944.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2018.
- ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a Memória das Cidades. **Revista da Faculdade de Letras: Geografia**, Porto, v. 14, n. 1, p.77-97, 1998. Anual. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1609.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2018.
- ALVES, Rachel Cristina Vesu; SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa. **Metadados no Domínio Bibliográfico**. Rio de Janeiro: Intertexto, 2013. 196 p.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fgv, 2006. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=3xOHCgAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 12 dez. 2018.
- AMORIM, Arivaldo L.; GROETELAARS, Natalie J.; LINS, Eugênio de A.. UM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO. **Fórum Patrimônio: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável**, Minas Gerais, v. 2, n. 2, p.194-206, 2009. Disponível em: <http://www.forumpatrimonio.com.br/seer/index.php/forum_patrimonio/article/view/98/90>. Acesso em: 12 dez. 2018.
- ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo: Atlas, 2002.
- ARELLANO, Miguel Ángel Márdero. Preservação de Documentos Digitais. **Revista Ciência da Informação: Ibict**, Brasília, v. 33, n. 2, p.15-27, 2004. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1043/1113>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

BORBA, Vildeane da Rocha; LIMA, Marcos Galindo. **PRESERVAÇÃO DIGITAL: modelo orientador para o BDTD/UFPE**. 2009. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xenancib/paper/viewFile/3359/2485>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

BRASIL. Arquivo Nacional. Conarq - Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos (Org.). **Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos - CTDE Glossário**. 2008. Disponível em: <<http://conarq.arquivonacional.gov.br/images/ctde/Glossario/2008ctdeglossariov4.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

BRASIL. Arquivo Nacional. Arquivo Nacional. **DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 230 p. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Dicion_Term_Arquiv.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2018.

CASSARES, Norma Cianflone. **COMO FAZER CONSERVAÇÃO PREVENTIVA EM ARQUIVOS E BIBLIOTECAS**. São Paulo: Arquivo do Estado / Imprensa Oficial, 2000. 70 p. 5 v. Disponível em: <http://www.arqsp.org.br/arquivos/oficinas_colecao_como_fazer/cf5.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2018.

DI MAMBRO, Galba Ribeiro. **GLOSSÁRIO BÁSICO DE ARQUIVOLOGIA**. Juiz de Fora: Arquivo Central, 2013. 27 p. Disponível em: <http://www.ufjf.br/arquivocentral/files/2013/09/di_mambro_glossa_130520.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2018.

DIRETORIA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL - DPPC

Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/pagina/diretoria-de-preservacao-do-patrimonio-cultural-dppc>> Acesso em: 21 jun 2018.

EPELBOIM, Solange. **Memória Individual e Memória Social/Coletiva: considerações à luz da psicologia social**. 2004. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos07/artigo02.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

FERREIRA, Miguel. **Introdução à Preservação Digital: Conceitos, estratégias e atuais consensos**. Guimarães: Escola de Engenharia da Universidade do Minho, 2006. 88 p. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5820/1/livro.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: Fgv, 2005. 124 p. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books/about/Arquivologia_e_ci%C3%A7%C3%A7%C3%A3o.html?id=8a8n00NqYEeC&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=true>. Acesso em: 16 nov. 2018.

FRAGOSO, Ilza da Silva; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Modelos institucionais de proteção ao patrimônio cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa-PB. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 10., 2009, João Pessoa. Anais... João Pessoa: UFPB, 2009.

Disponível em:

<<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xenancib/paper/viewFile/3170/2296>> Acesso em: 07 maio 2018.

FRIGO, Denise. **PRESERVAÇÃO DIGITAL: UM SUBSÍDIO PARA O CENTRO DE ARTES E LETRAS DA UFSM**. 2012. 161 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Patrimônio Cultural, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Cap. 6. Disponível em:

<<http://coral.ufsm.br/ppgppc/images/dissertacaodenisefrigo.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002. 176 p. Disponível em:

<https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2018.

GILLILAND, Anne J.. **Introduction to Metadata**. 2008. Disponível em:

<<http://nsdl.nisclair.res.in/jspui/bitstream/123456789/954/1/Introduction%20to%20Metadata.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

GOUVEIA JÚNIOR, Mário. Memórias e seus Suportes: da fala à virtualização e suas necessidades por próteses e lugares. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 9, n. 1, p.64-74, 2012. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1911/pdf_20>. Acesso em: 12 dez. 2018.

GUERRA, Flávio. **Velhas Igrejas e Subúrbios Históricos**. 2. ed. Recife: Fundação Guararapes, 1970. 269 p.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda, 1990. 133 p.

HEDSTROM, Margaret. **Digital preservation: a time bomb for Digital Libraries.** 1996. Disponível em: <<http://www.uky.edu/~kiernan/DL/hedstrom.html>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

HODGE, Gail. **Metadata made simpler.** Bethesda: Niso Press, 2001. 16 p. Disponível em: <https://earthref.org/cgi-bin/z-download.cgi?dbms=erda&database_name=erda&search_start=main&file_path=/projects/earthref/archive/archive/aaab/metadata.made.simpler.pdf>. Acesso em: 30 maio 2018.

HOLLÓS, Adriana Cox; PEDERSOLI JUNIOR, José Luiz. GERENCIAMENTO DE RISCOS: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR. Pontodeacesso, Salvador, v. 3, n. 1, p.72-81, abr. 2009. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3314/2424>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

IZQUIERDO, Iván. **Memória.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 145 p. Disponível em: <<https://edoc.site/memoria-ivan-izquierdopdf-pdf-free.html>>. Acesso em: 07 maio 2018.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. Dicionário Básico de Filosofia. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 399 p. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/38860850/dicionario-basico-de-filosofia---hilton-japiassu-danilo-marcondes>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. História e Memória. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LOUIS CARDINAL (França). International Council On Archives (Org.). A GUIDE TO THE ARCHIVAL CARE OF ARCHITECTURAL RECORDS: 19th-20th CENTURIES. Paris: Ica, 2000. 144 p. Disponível em: <<https://www.ica.org/sites/default/files/ArchitectureEN.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

MARTINS, Ana Cristina dos Santos. A Construção de um Lugar de Memória: Conjunto Etnográfico de Moldes de Danças e Corais Arouquenses 1944 – 2013. 2014. 89 p. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2014. Cap. 4. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77501/2/33584.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 10, p.7-27, 1993. Tradução: Yara Aun Houry. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg. O Conceito de Memória na Ciência da Informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p.311-328, 2011. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3302/2918>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

RODRIGUES, Giseli Giovanella; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. A Importância da Memória para uma Cidade. **Revista Destaques Acadêmicos**, Lajeado, v. 2, n. 2, p.23-26, 2010. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/view/61>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

RODRÍGUEZ, Eva Ma Méndez. **METADATOS Y RECUPERACIÓN DE INFORMACIÓN: ESTÁNDARES, PROBLEMAS Y APLICABILIDAD EN BIBLIOTECAS DIGITALES**. 2001. 845 f. Tese (Doutorado) - Curso de Documentação, Departamento de Biblioteconomía y Documentación, Universidad Carlos Iii de Madrid, Madrid, 2002. Cap. 10. Disponível em: <https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=https://e-archivo.uc3m.es/bitstream/handle/10016/26863/tesis_eva_mendez_2001.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2018.

SILVA, Camila Medeiros et al. Medidas de Segurança Para Preservação e Conservação de Acervo: Relatos de Experiências com base em Orientações no Manual da IFLA. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 5, n. 1, p.1-11, mar. 2015. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/viewFile/2850/1731>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

SOUZA, Marcia Izabel Fugisawa; VENDRUSCULO, Laurimar Gonçalves; MELO, Geane Cristina. Metadados para a descrição de recursos de informação eletrônica. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 1, p.93-102, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a10.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da Informação no Brasil**: Livro Verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. 154 p. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/434/1/Livro%20Verde.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

YAMAOKA, Eloi Juniti. Ontologia para mapeamento da dependência tecnológica de objetos digitais no contexto da curadoria e preservação digital. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, Curitiba, v. 1, n. 2, p.65-78, 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41313/25240>>. Acesso em: 12 dez. 2018.